

As interpretações da noção de “intelecto geral” dos *Grundrisse*

ELEUTÉRIO F. S. PRADO*

Como é sabido, Marx usou, em toda a sua obra, uma única vez o termo “intelecto geral”, em inglês, num original escrito basicamente em alemão. Ele o fez no seguinte parágrafo dos *Grundrisse*:

A natureza não constrói máquinas nem locomotivas, ferrovias, telégrafos elétricos, máquinas de fiar automáticas etc. Elas são produtos da indústria humana; material natural transformado em órgãos da vontade humana sobre a natureza ou de sua atividade na natureza. Elas são *órgãos do cérebro humano criados pela mão humana*; força do saber objetivada. O desenvolvimento do capital fixo indica até que ponto o saber social geral, conhecimento, deveio *força produtiva imediata* e, em consequência, até que ponto as próprias condições do processo vital da sociedade ficaram sob o controle do intelecto geral e foram reorganizadas em conformidade com ele. Até que ponto as forças produtivas da sociedade são produzidas, não só na forma do saber, mas como órgãos imediatos da práxis social; do processo real da vida. (Marx, 2011, p.589)

O emprego desse termo – e também dos sinônimos “cérebro social” e “inteligência social” – numa obra tão extensa não teria chamado atenção excepcional não fosse pelo contexto expositivo em que aparece: a antecipação do que ocorrerá com o desenvolvimento do modo de produção da grande indústria. Em particular,

* Professor da FEA-USP.

ganha um sentido notável frente ao começo do parágrafo dos *Grundrisse* que antecede aquele anteriormente citado:

A troca de trabalho vivo por trabalho objetivado, i. e., o pôr-se do trabalho social na forma de oposição entre capital e trabalho assalariado, é o último desenvolvimento da *relação de valor* e da produção baseada no valor. O seu pressuposto é e continua sendo a massa do tempo de trabalho imediato, o *quantum* de trabalho empregado como o fator decisivo da produção de riqueza. No entanto, à medida que a grande indústria se desenvolve, a criação da riqueza efetiva passa a depender menos do tempo de trabalho e do *quantum* de trabalho empregado que do poder dos agentes postos em movimento durante o tempo de trabalho, poder que – sua poderosa efetividade –, por sua vez, não tem nenhuma relação com o tempo de trabalho imediato que custa sua produção, mas que depende, ao contrário, do nível geral da ciência e do progresso da tecnologia, ou da aplicação dessa ciência à produção. (Marx, 2011, p.587-588)

Parece claro que Marx designa por “intelecto geral” um complexo estruturado de conhecimentos que, em certo momento, não apenas está disponível¹ para o emprego na produção em geral, mas que se tornou já crucial e determinante de seu modo de organização como um todo. Pode-se dizer mesmo que esse complexo, quando ele amadureceu na história do capitalismo, passa a ter um potencial libertador do trabalho, o qual vem colocar em xeque a dominação do sujeito capital. Eis que esse termo aparece num contexto em que o desenvolvimento das forças produtivas elevou tanto a produtividade do trabalho que a produção assentada na relação de capital – e na relação de valor que lhe é constitutiva – chegou ao seu limite histórico (Haug, 2010).

Nessa situação, “a criação de riqueza passa a depender menos do tempo de trabalho” do que dos agentes ciência e tecnologia “postos em movimento durante o tempo de trabalho”. Esses agentes atuam por meio do capital fixo (da gerência científica e, também, dos próprios trabalhadores), mas, ao fazê-lo, de um modo cada vez mais importante, criam as condições históricas objetivas para que os próprios homens passem a ser sujeitos conscientes do processo social de produção. O trabalho imediato deve deixar de ser base da produção, pois perde a sua singularidade contributiva ao se transformar em momento da atividade social produtora e se voltar mais à supervisão e regulação do que ao fazer produtivo propriamente dito (Marx, 2011, p.591). No desenvolvimento do capitalismo surge, pois, um “espírito universal” que dá, crescentemente, um novo papel à subjetividade dos trabalhadores na produção.

1 Pode-se acrescentar que, na verdade, em certa medida, está disponível em potência, já que, sob condições capitalistas, pode ser privatizado por meio de patentes.

Lidos desse modo, esses parágrafos dos *Grundrisse*, os quais perscrutam os resultados possíveis do desenvolvimento da grande indústria na ordem do tempo, podem ser encarados como complementares às conclusões do primeiro capítulo de *O capital* que versam sobre a superação histórica do fetichismo da mercadoria:

O reflexo religioso do mundo real somente pode desaparecer quando as circunstâncias cotidianas, da vida prática, representarem para os homens relações transparentes e racionais entre si e com a natureza. A figura do processo social da vida, isto é, do processo de produção material, apenas se desprenderá do seu místico véu nebuloso quando, como produto de homens livremente socializados, ela ficar sob seu controle consciente e planejado. (Marx, 1983a, p.76)

Se, nesse trecho de *O capital*, Marx apresenta o horizonte de emancipação que surge da crítica da mercadoria – primeiro momento crucial da crítica do modo de produção capitalista como um todo –, nos trechos citados dos *Grundrisse* ele mostra em que condições históricas aquilo que estava naquele horizonte pode vir a se realizar.

Manufatura, grande indústria e intelecto geral

Para colocar o conceito de “intelecto geral” em perspectiva no interior da própria obra econômica de Marx, mostrando o que ele aporta de novo à compreensão do desenvolvimento do modo de produção capitalista, é preciso examinar as formas históricas de subsunção do trabalho ao capital, a saber, aquelas que se configuram na manufatura e na grande indústria. Como se sabe, o autor mostra em seus escritos que a produção capitalista arranca da indústria artesanal, distinguindo-se dela, desde o começo, por ser produção coletiva e cooperativa de muitos trabalhadores organizados pelo capital. À medida que a manufatura aumenta a produtividade do trabalho, essa primeira forma de comando do capital sobre o corpo de trabalho converte-se logo em condição indispensável do processo de produção.

Segundo Marx, a manufatura constitui-se como um mecanismo vivo de produção, mais ou menos complexo, cujas peças operantes e conjugadas são seres humanos. Ela surge por apropriação dos processos de trabalho artesanais, aprimorados pouco a pouco durante séculos, mas vai transformá-los rapidamente por meio de uma crescente divisão do trabalho. O comando do capital parcela e reorganiza esses processos, mas não os transforma em sua natureza. O modo de trabalhar continua artesanal, ou seja, mantém-se “dependente da força, da habilidade, rapidez e segurança do trabalhador individual no manejo de seu instrumento” (Marx, 1983a, p.269).

Ora, como todo o processo de produção está assentado nessa base técnica herdada, dependente ainda da subjetividade do trabalhador, duas implicações se seguem: a primeira é que esse processo não está e não pode vir a ser moldado por

meio de um conhecimento científico e tecnológico sistemático; a segunda é que a subsunção do trabalho ao capital não pode deixar de ser meramente formal. O trabalhador não comanda a produção, mas mantém ainda comando sobre o processo de trabalho. Em consequência, não se pode falar em surgimento do “intelecto geral” quando se tem por referência a produção manufatureira.

Porém, a separação dos elementos intelectuais do processo de produção e a sua consequente concentração sob controle dos proprietários dos meios de produção – ou de seus gerentes – é uma característica geral do capitalismo. Na cooperação simples, a administração geral do processo de produção fica com o capitalista; na manufatura, o trabalhador é convertido em trabalhador parcial que governa apenas uma pequena parte da atividade produtiva; na fase seguinte, mesmo isso é dele retirado: pois a alienação do trabalhador em relação ao processo de produção “se completa na grande indústria, que separa do trabalho a ciência como potência autônoma de produção e a força a servir ao capital” (Marx, 1983a, p.284). Logo, vem a ser o modo de produção da grande indústria que vai criar para si, pouco a pouco, o intelecto geral, o qual será mantido como fonte de conhecimento para a produção de mercadorias e instrumento de dominação da burguesia.

É preciso ver aqui que, em *O capital*, Marx apreende esse processo evolutivo como um movimento que enriquece o capital industrial como força produtiva social e que, ao mesmo tempo, empobrece o trabalhador como força produtiva individual. Nesse sentido, aprova, sem reservas, um autor que apontara a ignorância como mãe da indústria e da superstição (Marx, 1983a, p.284).

O capital se apropria da base técnica do artesanato e a desenvolve em seu proveito, parcelando mais e mais o trabalhador. Ao fazê-lo, cria as condições para que ela venha a ser ultrapassada. Com força de necessidade, a grande indústria vem superar a manufatura por meio da criação de uma nova base técnica que estará constituída centralmente por máquinas e sistemas de máquinas. Elas surgem no seio da indústria para reproduzir indefinidamente os movimentos produtivos dos próprios trabalhadores no manejo de ferramentas, os quais haviam sido simplificados pela própria divisão manufatureira do trabalho.

Nessa passagem, o princípio subjetivo em vigor na manufatura – eis que o processo de trabalho estava ainda adaptado ao trabalhador como sujeito técnico – é suprimido. A produção mecanizada é um funcionamento objetivo em que o trabalhador tem de se inserir, transformando-se em peça operativa eficiente de um grande autômato. Se a manufatura está caracterizada pela concatenação de rotinas empíricas que dependem da subjetividade dos trabalhadores, a grande indústria compõe-se de procedimentos globalmente coordenados por meio da aplicação consciente da ciência natural e da tecnologia (o que se observava já na época de Marx) e das técnicas de administração baseadas na ciência social (o que manifestou fortemente apenas posteriormente). É, pois, a própria base técnica da grande indústria que suscita o desenvolvimento do intelecto geral.

A grande indústria surge da manufatura porque a base técnica dessa última torna-se insuficiente diante das necessidades da produção engendradas por seu próprio desenvolvimento. Essa contradição se resolve historicamente não apenas por meio da revolução da base técnica, mas também da transformação interna das relações de produção capitalistas. Assim, o processo de trabalho orientado subjetivamente é transformado em momento suprimido de um processo de produção objetivado na estrutura material do capital fixo, e a subsunção formal do trabalho ao capital é reforçada pela subsunção real: o trabalhador, além de estar preso ao capital por meio do contrato de venda de sua força de trabalho, torna-se agora peça do sistema de máquinas.

Marx discute, então, duas visões alternativas da prática produtiva na grande indústria capitalista. Numa delas, o trabalhador se restringe a vigiar o sistema de máquinas e, por isso, é considerado como um sujeito transcendental do processo; o sistema mecânico que ele vigia é apresentado como seu objeto. Na outra, o trabalhador é parte subordinada do sistema de máquinas; nesse caso, “o próprio autômato é o sujeito e os operários são apenas [seus] órgãos conscientes” (Marx, 1983b, p.40). Opta sem dúvida pela segunda, argumentando que, em condições capitalistas, o grande autômato vem a ser também um autocrata. “Na manufatura e no artesanato, o trabalhador se serve da ferramenta; na fábrica, ele serve a máquina” (Marx, 1983b, p.43). Como, em condições capitalistas, o processo de produção é, ao mesmo tempo, processo de valorização do capital, “não é o trabalhador quem usa as condições de trabalho, mas, que, pelo contrário, são as condições de trabalho que usam o trabalhador” (Marx, 1983b, p.43).

Na sequência das teses de Marx acima apresentadas de modo resumido, é razoável admitir que a base técnica da grande indústria, conforme essa evolve, tenha de entrar em contradição com as exigências da produção, postas por seu próprio desenvolvimento. Os *Grundrisse* foram escritos quase dez anos antes da publicação de *O capital*, mas não há razão para supor que Marx tivesse mudado de ideia sobre o teor dessas teses, especialmente no que se refere à subsunção real do trabalho ao capital. Logo, é preciso concluir que ele, nesses escritos preparatórios, ou melhor, naqueles parágrafos dos quais certos trechos notáveis foram acima selecionados, estivesse se esforçando para explorar os limites históricos da base técnica do capitalismo avançado. Se na grande indústria – parafraseando – o trabalhador serve à máquina (ao sistema produtivo do capital), no socialismo, após todas as consequências econômicas e políticas da crise do valor que ocorre ainda no capitalismo, ele se servirá do intelecto geral.

Três leituras, duas críticas e uma proposição

Para Marx, com o amadurecimento histórico da grande indústria sobrevém necessariamente uma crise na formação do valor. Conforme aumenta a produtividade, menos e menos trabalho imediato é necessário para produzir riqueza efetiva. Quando essa mudança da quantidade de trabalho presente na medida do

valor ultrapassa certo limite vem ocorrer uma mudança de qualidade, ou seja, o trabalho tem de deixar de contar na criação de riqueza como trabalho socialmente necessário medido pelo tempo.

O trabalhador “se coloca ao lado do processo de produção, em lugar de ser o seu agente principal. Nessa transformação, o que aparece como a grande coluna de sustentação da produção e da riqueza não é nem o trabalho imediato que o próprio ser humano executa nem o tempo que ele trabalha, mas a apropriação de sua própria força produtiva geral, sua compreensão e seu domínio da natureza por sua existência social – em suma, o desenvolvimento do indivíduo social. O roubo de tempo de trabalho alheio, sobre a qual a riqueza atual se baseia, aparece como um fundamento miserável em comparação com esse novo fundamento desenvolvido, criado por meio da própria grande indústria. Tão logo o trabalho na sua forma imediata deixa de ser a grande fonte de riqueza, o tempo de trabalho deixa, e tem que deixar de ser a sua medida”. (Marx, 2011, p.588)²

Esses trechos fazem referência às condições econômicas do capitalismo ou do socialismo?

Um autor pioneiro no estudo dos *Grundrisse* e que contribuiu de forma significativa para a sua difusão e compreensão, Rosdolsky, julgou acertadamente que tratavam do limite histórico da lei do valor e que examinavam, por antecipação, o papel da maquinaria como condição material para o advento da sociedade socialista (Rosdolsky, 2001, p.345-361). Não discutiu explicitamente o “intelecto geral”, mas mencionou que no socialismo o homem se relacionará cientificamente com o processo de produção. Não ousou utilizar esses textos como uma fonte de inspiração para analisar o capitalismo contemporâneo, mas afirmou que “graças ao desenvolvimento da técnica moderna, estão finalmente dadas – pela primeira vez – as condições para suprimir total e definitivamente o ‘roubo do tempo de trabalho alheio’” (Rosdolsky, 2001, p.356).

O passo mais audacioso foi dado pela corrente de esquerda – originária da Itália e derivada do marxismo – que se autodenominou *operaismo*. O termo intelecto geral, nessa derivação, tornou-se chave na interpretação do esgotamento do fordismo e da compreensão do chamado pós-fordismo. Supondo que o futuro almejado pelo socialismo e pelo comunismo já começou, ela admitiu que as transformações nos processos produtivos ocorridas no capitalismo contemporâneo exigiam o investimento da subjetividade do trabalhador. O trabalho enriquecido, emocional e comunicativo, que, para ela, fora posto pelas novas configurações do

2 Na transcrição dos manuscritos dos *Grundrisse*, essa última frase continua assim: “e, em consequência, o valor de troca deixa de ser [a medida] do valor de uso”. Haug comenta que se trata de um erro de transcrição do original, já que se trata de um absurdo. Na obra de Marx, o valor de troca não é medida do valor de uso (Haug, 2010, p.210).

trabalho produtivo e se difundiam nas empresas em geral, denominou de “trabalho imaterial” – uma noção fetichista (Prado, 2003).

O *operaismo* rompeu com a dialética da relação de capital e, assim, da subsunção do trabalho ao capital, passou a afirmar ligeiramente que “essa relação não era mais uma relação de simples subordinação ao capital” (Negri, 2001, p.30). Como expressão do intelecto geral, a força de trabalho tornara-se “intelectualidade de massa” que, sem qualquer outra grande virada histórica prévia, “pode transformar-se em um sujeito social e politicamente hegemônico” (Negri, 2001, p.27). Ao se posicionar desse modo, ao negar a relação de contradição entre o trabalho e o capital, ao substituir a dialética das classes (vista como triste) pela política da diferença (vista como alegre), essa corrente, que pretendeu ser neo-marxista, configurou-se como não marxista.

Entretanto, as transformações nos processos de produção, nas forças produtivas e nas relações de produção ocorridas nas últimas três décadas do século XX são empiricamente evidentes. Ora, tais mudanças de forma, entretanto, não indicam qualquer mudança substantiva de conteúdo. A relação de capital que subsiste impávida nas novas configurações da produção capitalista é ainda uma relação de subordinação, de exploração e mesmo de violência da burguesia contra os trabalhadores. Sob inspiração dos *Grundrisse* pode-se julgar que essas transformações originam-se da transformação do capital fixo pelo advento e generalização das máquinas computacionais e dos ciclópicos sistemas de comunicação delas dependentes. À medida que essas máquinas passam progressivamente a fazer todo o trabalho algorítmico necessário, os trabalhadores – como antecipou Marx – tornam-se cada vez mais supervisores e reguladores da produção. E, assim, a grande indústria chega ao seu limite: daí a crise do fordismo (e do keynesianismo) e a sua substituição pelo pós-fordismo (e pelo neoliberalismo).

Como conciliar a manutenção do capitalismo com o esgotamento histórico da grande indústria? Fausto propôs que seria necessário considerar uma nova forma de subsunção do trabalho ao capital, a qual, segundo ele, deveria ser caracterizada como intelectual. Propõe, então, que se passe a chamar o sistema que engendra essa nova forma de pós-grande indústria, indicando que revela agora o seu fundo, ou seja, o seu caráter de “base miserável” da produção de riqueza: “a pós-grande indústria revela também esse ‘fundo’ [...] mostra o sistema como fundado no ‘roubo’ do tempo de trabalho” (Fausto, 2002, p.133). Ademais, segundo ele ainda, nessa “terceira forma, tem-se a ‘negação’ do trabalho como fundamento do valor, e do tempo de trabalho como medida da grandeza de valor” (Fausto, 2002, p.133). Para que não se entenda por isso o desaparecimento do trabalho – e do valor – como fundamento do capitalismo, Prado propôs que no capitalismo contemporâneo ocorre uma desmedida do valor e, assim, em consequência, o desregramento do mundo (Prado, 2005). Ora, Fausto põe o termo “negação” entre aspas para indicar um processo de vir a ser que depende da luta de classe. Por enquanto, pois, o intelecto geral está em si – não se tornou ainda para nós.

Referências bibliográficas

- FAUSTO, R. *Marx: lógica e política*, t.III. São Paulo: Ed. 34, 2002.
- HAUG, W. F. General Intellect: Historical-Critical Dictionary of Marxism. *Historical Materialism*, v.18, n.2, p.209-216, 2010.
- MARX, K. *O capital: crítica da economia política*. São Paulo: Abril Cultural, 1983a, v.I, tomo 1.
- _____. *O capital: crítica da economia política*. São Paulo: Abril Cultural, 1983b, v.I, tomo 2.
- _____. *Grundrisse: manuscritos econômicos de 1857-1858*. São Paulo: Boitempo, 2011.
- NEGRI, A. Trabalho imaterial e subjetividade. In: NEGRI, A.; LAZZARATO, M. *Trabalho imaterial: formas de vida e produção de subjetividade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- PRADO, E. F. S. Valor desmedido e desregramento do mundo. In: *Desmedida do valor: crítica da pós-grande indústria*. São Paulo: Xamã, 2005.
- _____. Pós-grande indústria: trabalho imaterial e fetichismo. Uma crítica de A. Negri e M. Hardt. *Crítica Marxista*, São Paulo, v.17, 2003, p.109-130.
- ROSDOLSKY, Roman. *Gênese e estrutura de O capital de Karl Marx*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001.

PRADO, Eleutério. As interpretações da noção de "intelecto geral" dos Grundrisse. *Crítica Marxista*, São Paulo, Ed. Unesp, n.34, 2012, p.151-158.

Palavras-chave: Grundrisse; Intelecto geral; Marx.